

Aproximação com a Igreja

SANDARA SATTO e
ELIANA LUCENA

BRASÍLIA — O candidato à Presidência, Fernando Collor de Mello, do PRN, gastou quase uma hora de sua manhã de ontem conversando com o núncio apostólico, dom Carlo Furno. A visita foi mais uma tentativa de Collor de conquistar a simpatia de setores da Igreja. Esta estratégia começou a ser posta em prática após o primeiro turno da eleição, no qual o adversário de Collor, o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, conseguiu boa votação nas regiões Norte e Nordeste graças, em parte, à atuação dos padres da chamada Igreja Progressista que pregam a Teologia da Libertação.

Oficialmente, os assessores de Collor não reconhecem os motivos reais da aproximação com a Igreja. O assessor de imprensa, Cláudio Humberto Rosa e Silva, afirmou que a visita a dom Carlo Furno só não aconteceu antes por causa dos vários compromissos que o candidato tinha de cumprir. Segundo ele, Collor foi ontem agradecer ao núncio o seu empenho para que o papa João Paulo II o recebesse, no início da campanha.

A semana passada foi cheia de compromissos religiosos para Collor. No sábado, ele assistiu, em Maceió, a uma missa celebrada por frei Damião Di Bozno, considerado o sucessor do padre Cicero. "Foi uma promessa", informou o assessor de imprensa. Mas antes, em Brasília, no domingo anterior, ele saiu cedo de casa para assistir a uma missa na catedral da cidade. Na sexta-feira, durante a viagem ao Rio Grande do Sul para con-

tatos políticos, Collor reservou um horário para visitar o arcebispo emérito do Rio Grande do Sul, dom Vicente Scherer, identificado com a chamada ala conservadora da Igreja.

DIVERGÊNCIA

A Teologia da Libertação é responsável, em grande parte, pelo distanciamento da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil e da Nunciatura Apostólica. Dom Furno, há sete anos respondendo pela Nunciatura, mantém relações amistosas com os bispos mais tradicionais e não tem por hábito dar entrevistas sobre política. Na CNBB ninguém quis comentar seu encontro com Collor. Dom Furno é visto com desconfiança por bispos como dom Pedro Casaldáliga, de São Félix do Araguaia, que chegou a sugerir, no ano passado, o fim das representações diplomáticas da Santa Sé, função que, na sua opinião,



AE/Arquivo

D. Furno: conversa de 1 hora

deveria ser delegada às conferências episcopais.

Os encontros entre os dirigentes da CNBB e o Núncio acontecem raramente, nos momentos em que a Cúria Romana entra em atrito com padres e bispos brasileiros, como ocorreu no ano passado com o bispo de São Felix e antes com o frei Leonardo Boff. Em geral, o presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida tem preferido voar para Roma, na tentativa de mediar pessoalmente os impasses.

O antecessor de Dom Furno, Dom Cármine Rocco, não se negava a discutir as divergências entre Roma e a pastoral adotada pela CNBB em sua opção preferencial pelos pobres. Mas Dom Furno é reservado e não gosta de falar sobre os seus contatos com a Cúria Romana e bispos brasileiros. O cardeal-arcebispo de Brasília, Dom José Freire Falcão, não aceita qualquer suspeita de aliança entre o Núncio e a ala conservadora da Igreja do Brasil, representada pelos bispos e padres que não aceitam o excessivo engajamento da CNBB nos problemas sociais.

"A Nunciatura está acima dos interesses das conferências episcopais", explica Dom Falcão, depois de lembrar que a representação diplomática do Vaticano consegue atuar muitas vezes em questões diante das quais os bispos locais se mostram impotentes. "Em Cuba e nos países do Leste europeu", afirmou o arcebispo, "as Nunciaturas desempenharam um papel fundamental no restabelecimento da paz e da liberdade religiosa".